

# CINE-JORNAL

ANO I - N.º 37 — 29 DE JUNHO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



TYRNA  
**Loy**  
no filme //  
**A**  
mulher  
das  
pérolas

Neste número: Sou uma mulher de negócios por Joan Crawford



Louise Rainer quasi desaparece, sob as suas flores favoritas



Ruth Channing, joga o «laranjinho», no seu jardim



Spencer Tracy é este grave sacerdote, que aqui vêem, acompanhado de sua mãe



Charlot, visto por Raúl Fonseca

## Promessas e resoluções das vedetas para o ano corrente...

As vedetas da tela, poucos meses depois do ano se haver iniciado, resolveram «denunciar» a linha da sua conduta, durante o corrente ano.

Eis o que algumas estrelas declararam — afirmações essas que têm o seu sabor, justamente na altura do ano em que seis meses estão quasi decorridos, e outros tantos faltam para dar razão, ou não, aos seus juizos:

**MIRIAM HOPKINS:** «Nunca me incomodei que o público me confundisse com as personagens que represento na tela. Por esta razão e com muito gosto, fiz papéis antipáticos — pois eram os melhores! Em 1936 estou resolvida a seguir a mesma política, e, não me importa o que digam ou os conselhos que me derem!».

**MYRNA LOY:** Aproximar-me de tudo e tudo resolver com senso e bom humor. é a minha resolução firme. Cheguei à conclusão, recentemente, de que os piores problemas e dificuldades se resolvem mais facilmente com uma gargalhada.

**JOAN CRAWFORD:** «Resolvi não falar sobre meu casamento, seja porque pretexto for. Também não o analisarei nem farei profecias a seu respeito. Esta resolução é inabalável!».

**JOEL MAC GREA:** «A minha resolução 1936 é um aviso a todos os vendedores e agentes de que não sou um prospecto. Prometi, à minha mulher, Frances Dee, e a mim próprio, não comprar um só centímetro de terra até que o

meu rancho esteja completamente cultivado».

**MAUREEN O'SULLIVAN:** «Há sete meses que uso somente a minha pele e alguns trapos, durante as filmagens de «Tarzan». Nem sei qual é a moda, Estou cansada de ser uma filha da Natureza... Quero dezenas de vestidos, para ser feminina, muito femininas...

**EDWARD ARNOLD:** «Todos os anos e isto é: há anos — desde o nosso noivado — prometi à minha mulher levá-la à Europa. Nunca consegui. Mas este ano tem que ser. Logo que termine o meu filme, apesar da guerra, terremotos e dos produtores, vamos passar seis meses na Europa!».

**GLENDIA FARREL:** «Em 1936 vou aprender a descansar — mesmo que morra de tanto descanso. Ando numa permanente montanha-russa — e prometi a mim próprio não me excitar com coisa alguma, e encerrar tudo com calma».

**SHIRLEY TEMPLE** (depois que lhe explicaram o que era «uma resolução»): «Não sei se é uma «resolução». Mas decidi que a mãezinha me aumente a mesada. Ganho 4 dólares e meio por semana — e tenho de comprar a comida para os meus coelhos. Todos os dias aumentam! E tenho ainda de comprar sorvetes para mim. Não acham que a mãezinha me devia dar cinco dólares por semana? Esta é a minha resolução... Agora depende do que a minha mãe fizer...»



Ruth Channing, que à esquerda vemos num desporto em voga, no Grnelândio, mostra-se, aqui, exímia cultura do «égua-plano»

### Mickey e Rembrandt

Entre Mickey e Rembrandt, vai um mundo. O instituto de Belas Arte de Chicago acaba de encurtar sensivelmente a distância...

Com efeito, durante a sua exposição anual um quadro a óleo do rato Mickey figurou naquele notável certame, ao lado de algumas obras-primas de Rembrandt.

### U na aposta

Jesse L. Lasky, presidente da Pickford-Lasky Corporation fez uma aposta com quatro colaboradores segundo a qual a produção inicial daquela firma, *One Rainy Afternoon*, não provocaria mais de 200 gargalhadas na sua pre-exibição, e que pagaria um dólar por cada gargalhada, a mais, além desse número.

Nomeou-se um júri para contar as gargalhadas, durante a exibição da fila, no «United Artists Theatre», cêrca de Hollywood, e ao terminar a sessão haviam-se registado 379. Lasky leve, pois, que desembolsar 179 dólares, «contrariedade» essa amplamente compensada pelo bom resultado verificado.

### Um sensacional artigo de Carmencita Aubert

No próximo número, «Cine-Jornal» publicará, em rigoroso exclusivo, um sensacional artigo do talentoso e onctadora artista do «music-hall» e do cinema espanhol Carmencita Aubert, artigo que se intitula *AS FÉRIAS DUMA VEDETA* e no qual Carmencita descreve o regime que está seguindo, durante os semanas de repouso que vem passando em Portugal, antes de retomar a actividade, nos estúdios.

O artigo é ilustrado com curiosas fotografias do lindo estêrta, nas diversas fases da sua preparação física.

## Marléne fala da côr

Marléne que, há pouco, concluiu *Desire*, não pôde vir à Europa, como desejava, para descansar um pouco. Foi forçada a iniciar o seu primeiro filme colorido, *O Jardim de Allah*, para a Selznick Productions. Aos jornalistas, recentemente, Marléne Dietrich declarou:

«A côr?... Não sei o que lhes dizer... Mas tenho medo, confesso! Acho que o factor mais importante num filme, não é nem o talento dos actores, nem a história — mas a qualidade da foto.

«Houve quem censurasse a inverosimilhança da *Imperatriz Vermelha*. Gos-

te: dêsse filme, porque a foto era admirável. Nunca nos passou pela cabeça fazer um filme histórico... Quisemos apenas criar um sonho lindo.

«Não quero dizer com isto que as minhas ambições se resumam a fazer filmes onde apareça com «toiletless» sumptuosas e fotografada com arte. Que devo fazer — se o papel os exigir?!

«Mas... voltando à côr, sou de opinião de que ela nada pode acrescentar em beneficio da personalidade dum actor. E os técnicos, suponho, não encontraram ainda a verdadeira tonalidade da pele».

## A vitória de Schmelling e os contratos de Anny Ondra

Como se sabe, Max Schmelling é «boyeur» e acumula essas funções pouco delicadas, com as outras, bem mais agradáveis, de ser marido de Anny Ondra, ex-mulher de Karl Lamac, e a mais notável fantasta do cinema alemão.

Max Schmelling, perante dezenas de milhares de pessoas, acaba de esmurrar Joe Louis, o negro que massacrara Max Baer, vedeta do «ring», e do cinema, então o ídolo das mulheres — que o perderam, aliás...

Ora se para Max Schmelling esta vitória lhe trouxe vantagens e momentos agradáveis — calculamos facilmente umas e outras — para Anny também não foi desagradável. Antes pelo contrário...

Além do ramo de flores nazis que Hitler lhe mandou, pela vitória do 100% ariano marido, Anny recebeu imediatamente por telegrama, vantajosíssimas propostas para, ao lado de Max, interpretar filmes na América.

Uma grande firma americana chegou ao ponto de lhe dizer que não só con-

lava em que acesse, como esperava que ela influísse no ânimo do marido, para, entre todas as propostas, o levar a preferir a que a mesma firma lhe havia dirigido — com a promessa antecipada de «fazer dela uma vedeta, capaz de destronar as concorrentes mundiais».

São formidáveis, estes americanos...



Antes de partir para a América, Max Schmelling e Anny Ondra passaram longos dias no campo...

## RIVALIDADE...

Revolta a bordo...

A viagem do *Queen Mary* foi assinada por um drama rápido que, felizmente, teve, apenas, conseqüências verbais...

Eis o que contam as testemunhas do facto.

A lindíssima Joan Bennett (a «Amy» das *Quatro Irmãs*) ceava, em doce *tête-à-tête*, com um *lord* inglês. Um milionário americano aproximou-se da mesa, em termos pouco correctos. O inglês levantou-se e estendeu o inconveniente, no meio do chão, com um «directo» nas máxilas.

Joan Bennett é americana, declarou mais tarde o «yankee». E, como tal...

O *Queen Mary* é um barco inglês, voltou o *lord*, sem perder a fleugma.

A questão ficou por aqui. Afirma-se as testemunhas que não houve duelo...

## UM NOVO FILME PORTUGUÊS

Anuncia-se para breve, ou melhor para logo que se concluíam as filmagens de *Boage*, as primeiras tomadas de vistas dum novo filme português, uma comédia que a parceria Dr. José Galhardo-Vasco Santana está escrevendo, e que, sendo realizado por Leitão de Barros, terá como intérpretes Mirita Casimiro, Maria Paula, etc.

## Uma história triste

Era jovem e bonita. Chamava-se Nadia Cortez. Tinha tudo o que ambicionava: a glória e a fortuna. Uma corte de admiradores, a seus pés, adivinhava os seus desejos — para os realizar. Vedeta de Teatro — sonhara com o cinema. Estava-se a afirmar, conscientemente.

De repente — tudo acabou. Abriu a porta do avião, onde viajava, e precipitou-se no espaço. O mar recolheu o seu corpo — e os seus segredos.

Porque ninguém é capaz de descortinar o que a teria levado a tão trespoucado acto.



As «girls» do Fox cuidam do seu linho, no ginásio dos estúdios

# ARTISTA CINEMATOGRAFICO, SINÓNIMO DE BOM VOLANTE?

**A**s «estrelas», cuja ascensão no mundo do cinema é no geral vertiginosa, parecem querer ao deslocar-se nas estradas continuar no ritmo em que se desenvolve a sua vida artística.

Colocadas ao volante, os seus gentis pés procuram e forçam o acelerador com certo frenesi de rapidez e de desejo embriagador de velocidade que, por vezes, as surpreende em horribéis desastres. Nestes, tão depressa são elas as vítimas como o são os despreocupados peões ou ciclistas que circulam na via pública.

Muito recentemente Florelle, artista francesa que apreciamos com Garat e Armand Bernard em «Os Deuses divertem-se», atropelou com o seu esplêndido automóvel, perto de Mars, dois desgraçados ciclistas, cujas vidas perigaram durante alguns dias. Debutada em lágrimas Florelle atribuiu todas as culpas... aos pneus.

Por sua vez, a encantadora Paulette Godard, que anseamos ver brevemente em «Tempos Modernos» ao lado do genial Charlot, sofreu um choque também provocado por excesso de velocidade do qual saiu ileso por milagre. Acompanhava-a o grande cómico cuja emoção traduziu claramente quanto lhe seria doloroso se o acidente resultasse em pior trato para Paulette. Emoção explícita se recordarmos que um amor sem limites une, por agora, Charlie Chaplin e Paulette Godard.

Porém, se artistas há que apreciam e sentem até agridão em observar a agulha do conta-quilómetros subir de 90 para 100 e de 100 para o máximo, outros, contudo têm fama de calmos e excelentes volantes e usufruem de extraordinária reputação no mundo automobilístico.

Por exemplo, sir Guy Standing, o severo pai dos «Lanceiros da Índia», é

considerado o leão dos automobilistas de Hollywood. Guia desde que o automóvel se tornou num meio de transporte praticável. Nunca foi multado por excesso de velocidade, por trazer os faróis apagados ou por desrespeitar o sinalizador. Quando ao volante, não escuta os incitamentos dos amigos para que se «argue». E esta prática saturnal tem-lhe valido trinta anos de volante sem o menor acidente.

Outro volante ideal é Gary Cooper, o incomparável Gary Cooper de «Marrocos» tão apreciado pelas cinefilas portuguesas. Conduz há vinte anos. Ainda pequeno já se treinava no automóvel balnear. Possui alguns dos carros mais potentes de Hollywood. Todavia, a sua pericia é tal, que em «Desejo», filme em que aparece com Marlene Dietrich, coube-lhe uma cena em que imprimia a velocidade de 130 quilómetros ao seu carro, sem qualquer contratempo.

Carole Lombard, essa loura diabólica, guia desde os doze anos. Ensinou-a sua mãe, igualmente habil volante. Carole sofreu há tempo um grave acidente que ia comprometendo a sua carreira cinematográfica. Diga-se todavia, em abono da verdade, que não era Carole quem guiava o carro. Desde então, por nada deste mundo consente que alguém a conduza.

Claudette Colbert, Gladys Swarthout e Fred Mac Murray aconselham a seguinte receita aos amadores de velocidade: «Suponham que um polícia vos segue constantemente. Como tal, seréis cuidadosos».

O actor dinamarquês Carl Brisson é também muito cauteloso. Percorreu já, em automóvel, toda a Europa, parte da África e dos Estados Unidos da América ao Norte e nunca sofreu um azar. Em Hollywood, a-pesar-de estrangeiro, é admirado pelo seu sangue-frio ao volante.

Notemos, no entanto, que um dos factores que mais pesa na excessiva cautela empregada pelas «estrelas» e «ases» de Hollywood na condução dos seus carros é o receio das elevadas indemnizações que por vezes lhes são exigidas pelos mais leves acidentes.

Uma simples amolgadela no guardalana do carro com o qual tiveram a infelicidade de chocar é motivo para uma chicama desmedida, pois todos os artistas têm fama de possuírem avultadas fortunas e, por conseguinte, de poderem pagar bem.

Por outro lado, corre a seu favor o facto de que a constante acção perante a máquina de filmar lhes concede um poder de rápida resolução e um golpe de vista superior aos da média geral dos automobilistas do globo.

Antes assim...

OPERADOR N.º 13

## O casamento de HARRY BAUR



Como se sabe Harry Baur casou, há dias, com Mille Radifé, artista turca. Eis os dois esposos, após o acto matrimonial

## Vedetas da tela, da escultura e da pintura...

A escultura e a pintura contam-se no número dos prazeres favoritos das vedetas.

Assim Pierre Richard Willm é um escultor notável, que tem o nome feito, através de sucessivas exposições. As suas estatuetas de Nijinski são famosas. Madeleine Soria, assinou um busto de

Tristan Bernard, um dos mais notáveis deste eminente homem de letras.

Fenand Gravey desenha, pinta e é notável na caligrafia.

Harry Baur, Marcelle Chantel e Kissa Kouprine são magníficos desenhistas e Samson Fainsilbert é um retratista de méritos invulgares.



Rosine Lawrence parece tentado... a tentar uma subida à estratosfera



# Dize tu... Direi eu

— Não há amor como o primeiro.  
— Nem fita como a última...

\* \* \*

— A Mãe West lembra-me uma «lionsine» a querer armar em carro de corrida...

— É a mim, um relógio cujos ponteiros andassem para trás, convencidos que assim conseguiriam recuperar o tempo que já passou...

\* \* \*

— A planta da fachada do Eden foi traçada numa noite de insónia, provocada por uma indigestão de pão espanhol...

— Dispare! Não vês que a fachada não tem planta?...

\* \* \*

— O filme «Basta de mulheres!» tem a Joan Crawford.

— Então o Douglas Fairbanks Júnior meteu-se a realizador?

\* \* \*

— A primeira vez que Charlot falou foi um sucesso...

— Também me parece. Basta que ele diga «boa noite», para logo os comunistas afirmarem que se trata duma referência, propositalmente vaga, à «Grande noite»; e os conservadores dirão que, se a noite está boa, é porque as condições económicas não são tão más como se julga.

\* \* \*

— Não há pior do que acreditar piamente em tudo que nos dizem...

— O Pampinas que o diga. Chamaram-lhe filósofo...

\* \* \*

— Parece que as mulheres gostam muito do Boyer...

— Trata-se apenas duma desforra. O Boyer é a Greta Garbo das mulheres...

\* \* \*

— A Anny Ondra é saborosa como o vinho do Reno...

— ...com anidrido carbónico, a fingir que é «champanha».

\* \* \*

— Quando entro num cinema, adivinho qual é o programa, pela cor das peles de raposa que haja na assistência. Se são amarelas temos tenor a cantar a «Gitoconda», se são «argentéss» é «music-hall» pela cerla.

— E quando não há raposas?  
— É programa com 24 parles.

\* \* \*

— O público procura compreender o dimensionismo.

— O cinema procura compreender o público...

\* \* \*

— A Katherine Hepburn é bonita ou feia?

— O Chopin usava ou não bigode?...

\* \* \*

— Dizem que a Marlène triunfou por causa das pernas...

— Deixa falar: as pernas é que triunfaram por serem da Marlène.

\* \* \*

— Se há fitas de fundo, como se devem chamar as outras?

— Fitas sem fundamento.

\* \* \*

— Vi ontem, no Pavilhão Português, uma fita de «coca-boys».

— Que tal achaste?

— Uma verdadeira fita ao ar livre.

\* \* \*

— Desconfio sempre dos licores nacionais super-finos.

— E eu das produções super-gigantes.

\* \* \*

— Há pessoas que afirmam que o cinema não é uma arte.

— Que queres? São uns desmancha-prazeres...

\* \* \*

— Qual é o cúmulo da indecisão?

— Assistir à passagem duma fita e levar todo o tempo sem saber se se há-de ler as legendas ou ver as imagens.

\* \* \*

— Sabes o que é uma «vamp»?

— Sei. É uma menina que está em casa, para toda a gente, mas que nunca está em casa...

\* \* \*

— Um actor meu conhecido disse-me: afinal os melhores filmes não passam de teatro filmado...

— E tu que respondeste?

— Assim: o meu amigo já reparou que este ano parece que não temos verão?

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

**A** iniciativa de «Cine-Jornal», organizando um grande inquérito cinematográfico entre a gente do tablado, foi acolhida com o mais efervescente entusiasmo, tanto pelos nossos leitores como pelos próprios artistas teatrais.

«Cine-Jornal» percorrerá todas as figuras do nosso xadrez teatral, guardando os seus depoimentos, que apontarão, por fim, o melhor filme exibido na presente temporada.

As respostas, conforme podem constatar, não são destituídas de concepção cinefílica. Na votação de filmes, começa-se destacando a obra maravilhosa de G. Cukor «As quatro irmãs», indubitavelmente uma das películas de maior valia que correu entre nós, e que os artistas da cena demonstram ter apreciado e assimilado em toda a sua estrutura cinematográfica.

A vanlagem nítida que Charles Boyer está acensando, também se repeta de interessante, atendendo a que o primoroso actor é, indiscutivelmente, o artista de mais categoria que a França exportou para Hollywood.

O inquérito prossegue com o mesmo interesse que marcou o seu início.

E, assim, onçamos:

### Maria Bénard

A mulher de linhas coléantes, que faz entontecer velhos e delirar os novos. Esta rapariga, se um dia lentasse o cinema, poder-se-ia considerar a Mãe



West portuguesa. Entretanto, vai deambulando pelas parcimoniosas revistas que se fazem no nosso país, dando a sua beleza e o seu talento a uma arte que a compensa bastante mal.

Ao escutar a nossa pergunta, fica prostrada em recordações.

Não a interrompenos. Sabemo-la inteligente e a sua resposta deve marcar.

Ao cabo de alguns momentos diz-nos, de mistura com um sorriso muito bem ensaiado:

— Sequoia, Mayerling e Espelho da Vida.

— E os seus actores predilectos? — Não é difícil apontá-los: Charles Boyer, Clark Gable e Chevalier.

Finalmente o folgação do Maurice encontra alguém que se lembra da sua beijoça caída e do seu peculiar palhinhas.

### Lina Democl

Foi mesmo em plena Avenida da Liberdade que inquirimos a sua opinião. O jornalismo é feito de ocasiões e aquela não se podia desperdiçar.

Um encontro do acaso, pôs-nos em contacto com a galante fotógrafa de Há festa na Mouraria.

— Lina, quais foram os melhores filmes desta época?

— Assim, não vale! Não tenho tempo para pensar. Respondo-lhe amanhã.

— Não pode ser! Necessito da sua opinião neste momento.

E a Lina fica por momentos olhando

os taxis que sobem e descem a Avenida, disputando corridas em pista livre.

Medita e elucida-nos:

— Sansão. Pão nosso de cada dia e Roberla. Está satisfeito?

— Fallam os actores...

Desta vez, sem mais delongas, os seus nomes saltaram rapidamente: — Clark Gable, Fernand Gravey e Wallace Beery.

E antes que disparássemos nova pergunta, Lina Democl abalou, Avenida abaixo, murmurando risonha:

— Sempre têm cada uma...

### Vasco Santana

O Vasco é um fraco... embora não pareça.

É fraco na sua gentileza, é fraco nas suas atenções, e ali é um fraco para o cinema. Embora alarefado, este actor-auctor não perde um bom filme, refinando o seu gosto e descobrindo novos motivos que saciem a sua sensibilidade de artista e escritor.

Actor cómico dos de primeira plana,



as suas opiniões guindam, no entanto, para o trágico belo. E, assim, os seus filmes predilectos são: *Véspera de combate*, *A Mascarada* e *Sinfonia da Manhã*.

A sua predilecção por um filme de desenhos animados é altamente interessante e original. Vasco Santana já-mais pode esquecer o espectáculo delicioso que lhe deu essa pequena sinfonia, repleta de cores luminosas e motivos naturais impregnados de beleza.

As suas estrélas favoritas, são três talentos que o cinema descobriu e que brilham a grande altura, no firmamento hollywoodesco: *Silvia Sidney*, *Miriam Hopkins* e *Dorothea Wiech*.

### Dina Teresa

Tanto no teatro como no cinema marca um lugar de grande destaque. Da sua actuação para a câmara, ainda guardamos saudades da figura de *Sévera*, a que ela soube dar uma interpretação notável, lutando com inúmeras dificuldades e de todas saindo triunfante. No palco, o povo adora-a, quer

# FOI OVAL FOI FILME

ao ouvi-lo cantando um fado triste, quer no cantarolar alegre e quente duma canção portuguesa.

Mesmo de cama, onde uma enfermidade acidental a retém, a Dina, gentil como sempre, emite a sua opinião, através do aplofone.

Quanto a filmes, inclina-se para: *As quatro irmãs*, *Sequoia* e *Ana Karenine*.

— E os três actores que mais aprecia?



A sua voz faz-se ouvir de novo na outra extremidade da linha:

— Em primeiro lugar o Charles Boyer, depois Robert Montgomery e Laughlin.

— Obrigado. Em nome de todos nós, e as rápidas melhoras.

E com um adeus pesaroso, a Dina voltou para vale de lençóis.

### Lusy Sayal

Foi no Palladium que a encontramos. Dois minutos de conversa, ouvindo novidades e fazendo perguntas. A Lusy anda alarefada. Vai dar no dia 9 de Julho o seu grande recital de poesias portuguesas e espanholas, duma forma absolutamente inédita no nosso pacato país, e isso preocupa-a, receando o público, que está habituado a ver uma senhora a dizer versos, tendo por fundo uma corlina de chita barata.

Mas a Lusy Gayal há de vencer. Se como artista de teatro tem a nossa admiração, e se desde já lhe auguramos um grande triunfo no seu papel de Marquesa de Alorna, na versão espanhola do *Bocage*, como recitadora ternos-a nessa noite, aplaudindo-a, mais uma vez, num entusiasmo delirante.

Os filmes que mais a sensibilizaram, foram: *As quatro irmãs*, *Mazurka* e *Lanceiros da Índia*. Trêz maravilhas de arte cinematográfica.

Nos actores, inclina-se para: Clive

(Conclui na pág. 12)

# DE LOVE, MAIS



# GOSTOV?



# GRACE MOORE



Lembram-se da vedeta de "Uma Noite de Amor" e "Nas Asas da Canção"? Leiam, agora, a romântica história da sua vida.

viera, para repausar, encontra um actor espanhol: Valentin Perero. Desposa-a em Cannes, alguns meses mais tarde. Casamento de amor... Casamento feliz e durador, sabido que Hollywood obre as suas portas e permite-lhe governar a vida. O problema que poucos vedetas sauberm resolver, parece não o preocupar. E declara: «Não há que fazer opções, entre o amor e o carreiro. É fácil ser-se cèlebre, quando se tem paz de espirito, quando se é feliz no amor. Tódos os mulheres se devem cosor, antes de atingir o glória. É o melhor formo de triunfar e de se ser feliz.

Porque tem mais orgulho em ser M.me Valentin Perero, do que Grace Moore!

JELICO, no Estado de Tenesso.

Nos faldos dos montes Cumberland, os emigrantes italianos haviam plantado os vinhos. Mineiros polacos procuravam mineral nos navos explorações.

R. L. Moore era uma das pessoas importantes da região. Banqueiro, era o detentor do primeiro «Cadillac» que se havia visto nos redondezas.

Tinha cinco filhas. A mais nova chamava-se Grace. O nome ia-lhe a motor: olhos claros, voz cristalino — era o alegria corpezado, quando pelos campos dourados pela sal, se ouvia o cantar os árias napolitanos dos vindimadores.

Ao domingo, no côro da pequenino igreja, era o chefe das coras que entoavam cânticos em lauvor à virgem. Fazia-se ouvir o solo. E tinha uma ambição: ser freira.

Ingressou, assim, no Calégio Word Belmont. Ainda não havia completado os dezasseis anos, e as pretendentes choviam. Um belo dia ouviu Mary Garden cantar, em Nashville.

Renunciou ao concerto, das apoixonadas e resolve-se o ser cantora.

## A VOZ DE OIRO AMEAÇADA

Escreve, então, centenas de cartas o Mary Garden, seu ídolo e seu modelo. Depois, estuda canto na escola de Chevy Chase. Em 1918, desprezando vários degraus que lhe ofereciam, estreia-se, fulminantemente, ao lado de Giovanni Martinelli. Os críticos traçam-no. Um deles escreve: «Dir-se-ia termos ouvido o dueto do leão e do rato. Um leão com peno do rato...» E Grace Moore foge para Nova-York. Em vão o pai tenta levá-lo para o bom caminho. Incompatibiliza-se com o familia e para não morrer de fome canto, à noite, no «Black Cat», um cabaré de Greenwich Villoge. Como devem estar lembrados, este episódio do sua vida serviu de temo o uma das mais belos cenas de «Uma noite de Amor».

Entrega-se à protecção de professores de fama duvidoso que, em lugar de valorizar

e treinar a sua voz, a obrigam o aceitar todos os contratos, para cobrar o percentagem respectivo. Ao fim de seis meses, Grace fico ófona. Uma laringite ataca-o. Sacrificara tudo ao seu sonho e assistia, aterrizada, ao seu desmaranor. Reunindo todo o dinheiro que pudera encontrar, aconselha-se com o professor Mário Morafioti, que lhe ordena «seis meses de silêncio».

Retira-se para uma ilha de Saint-Lawrence River, com um criado velho, e observa escrupulosamente essa lei de silêncio. Pouco o pouco, a voz readquire o sua pureza cristalino. Com surprêzo, noto que ganhou em extensão. Atinge notas que julgara inacessíveis. Conhecendo agora, por experiência próprio, os erros de querer cominhar depressa, estudo, sistematicamente, e, em 1922, estreia-se finalmente, substituindo Júlio Sanderson, que «adbrava»...

## A RONDA DO TRIUNFO

Operetas, revistas, concertos... Só o 7 de Fevereiro de 1928 se estreia no Metropolitan Opera House, de Nova-York, com o «Böhème».

Um cambôio especial traz todos os colonos de Jellico e o próprio governador de Tenesso, que quis vir, passaalmente, aplaudir a nôvel vedeta. É o primeiro «primadonna», 100 % americano.

Na Europa e na América, faz algunos «tournées» famosas. Na Ópera Cômica de Paris, canto «Louise», com o próprio Charpentier o dirigir o orquestra. O seu camarim enche-se de autógrafos das maiores nomes contemporâneas: o Duse, Mussolini, Alberto I, o mologrado rei dos belgas, Afonso XIII, Hoover, Roosevelt, etc...

## MAIS PRECIOSO DO QUE A GLÓRIA

Mais precioso do que o glória, o amor vem caraar o suo carreiro. A bordo do «Ile-de-France», quando se dirigio à Ri-



A melhor regra de bem viver para uma mulher resume-se nesta frase: ter uma carreira. É frequente ouvir-se falar dos sacrifícios a que as mulheres se devem sujeitar para alcançar a glória. Há quem pretenda que são forçadas a renunciar as alegrias e prazeres peculiares da mulher. São insensatos tais conselhos. Antiguamente, talvez fosse assim. Agora, entendo que não há nada que valha a alegria de se ter o dia inteiro, preso, com trabalho.

Se não trabalhasse morria! Nunca me queixei das agruras do «metier». Quero lá saber que me lenha que levantar as seis horas da manhã. Nunca, ao acordar, me ouviram dizer: «Mais um dia igual aos outros!».

Tenho notado que as mulheres que não trabalham, engordam desmesadamente. Tornam-se preguiçosas. A cara cobre-se de rugas e as faces tornam-se flácidas.

Nunca dei porque tal acontecesse nas mulheres activas e trabalhadoras que conheço. Estas sentem pouco o peso dos anos e quando evoluíam, em regra, é sempre para melhor. A maioria das vedetas da tela parece tornarem-se cada vez mais novas.

É bom não esquecer o problema dos filhos. Sou de opinião de que todas as mulheres devem ter um ou mais filhos — pelo meus, desde o momento em que queiram que a sua experiência da vida seja completa.

A carreira do cinema em nada é contrária à ideia da maternidade. É a provar tal afirmação, a quantidade de pessoas que têm o seu lar, os seus bebês, e se dedicam, de alma e coração, ao seu trabalho dos estúdios.

Poucas mulheres saberão ser tão boas donas de casa como as vedetas. O nosso trabalho, sob esse aspecto, é uma escola ideal. Porque me convenci, nestes últimos anos, que as vedetas, como todas as pessoas aliás, devem ocupar-se, pessoalmente, das suas coisas e dos seus negócios. Confiá-los a outrém é um erro. De contrário, não haveria dinheiro que chegasse...

Já lá vai tempo em que as minhas secretárias podiam assinar o meu livro de cheques. Em regra, julgava sempre ter mais dinheiro em depósito do que aquele que, na realidade, lá existia. Aconteceu-me até assinar um cheque, sem cobertura!...

Desde então, sou eu que dirijo todos os meus negócios. Preencho os cheques e deposito dinheiro. Quando necessito de conselhos, ouço o meu «manager», M. C. Levee. De resto, Franchot Tone é entendedor e vê o negócio como ninguém.

Franchot contou-me noutro dia uma história que me parece curiosa. Falava-se dum magnate nova-yorkino, que ganhara milhões, com acções por ele adquiridas. Houve alguém que lhe perguntou:

— Quando as lenciona revender?

— Nunca mais as venderei, retorquiu.

Eis o seu segredo. Colocava o dinheiro, apenas. Não jogava, nem especulava. Por isso, faço o mesmo: Compru valores, poucho-os de lado — e esqueço-me de que os tenho. Se pretendemos especular, não nos defendemos — jogamos. E do jogo (sobretudo deste: onde se perdem fortunas) é que devemos fugir.

Sucedo a que suceder, pretendo evitar a todo o transe viver à custa dos montepios, quando estiver no final da minha carreira. Porque mesmo que nos defendamos o mais possível — o dinheiro desaparece sem darmos por tal.

A maior parte das vedetas, como sabem, pagam 50% dos seus salários ao governo, em imposto sobre rendimento e outras contribuições.

Depois, há outras despesas. Muitas vedetas sustentam três ou quatro casas, para ajudar pessoas da família. Há sempre afilhados e sobrinhos que têm que estudar — e certas casas de caridade às quais nós podemos recusar dinheiro. Isto sem citar, a caixa de socorro do pessoal da indústria cinematográfica. Ficamos por aqui, de contrário nunca mais acabáramos.



## SOU UMA MULHER DE NEGÓCIOS

por JOAN CRAWFORD

Criticam-me frequentemente, porque dou menos festas e recepções do que a maioria dos outros membros da colónia. Gostaria de competir com eles — mas não posso!

As «soirées», as recepções, os «party» custam fortunas. Não as posso dar, sem convidar um mundo de pessoas. E não as posso realizar, sem grandza e sumptuosidade. Receber, implica contratar um exercício de criados e auxiliares. O que significa que, no fim da festa, se registam prejuízos grandes, nas baixelas e mobiliários. O mesmo é dizer tam-

bém que alguns objectos de estimação desaparecerão — como, infelizmente, tem sucedido, por vezes.

Há pouco tempo convidei para uma festa em minha casa vinte e três pessoas. Supunha que a baixela de prata chegaria para uma mesa três vezes maior, no que toca ao número dos comensais. Mas quando me dei ao trabalho de comprovar o facto, quedei-me atónia ao verificar que tinha, por junto, dezóito pratos. O resto havia misteriosamente desaparecido, sabe Deus para onde... Tive que, à última hora,

completar o serviço. E podem crer que não me ficou barata a brincadeira.

Tais são, por exemplo, alguns aspectos da carreira duma vedeta da tela, que não me impede de aconselhar a todas as raparigas que procuram ter, não uma profissão. Em nada afectar a vida privada de cada uma!

JOAN CRAWFORD

A foto ao alto é a mais recente das Joan Crawford e mostra-nos a lindíssima vedeta tal como nos aparece no filme que iniciou há dias, Gargulous Hiss.

# CiDADE DO OIRO

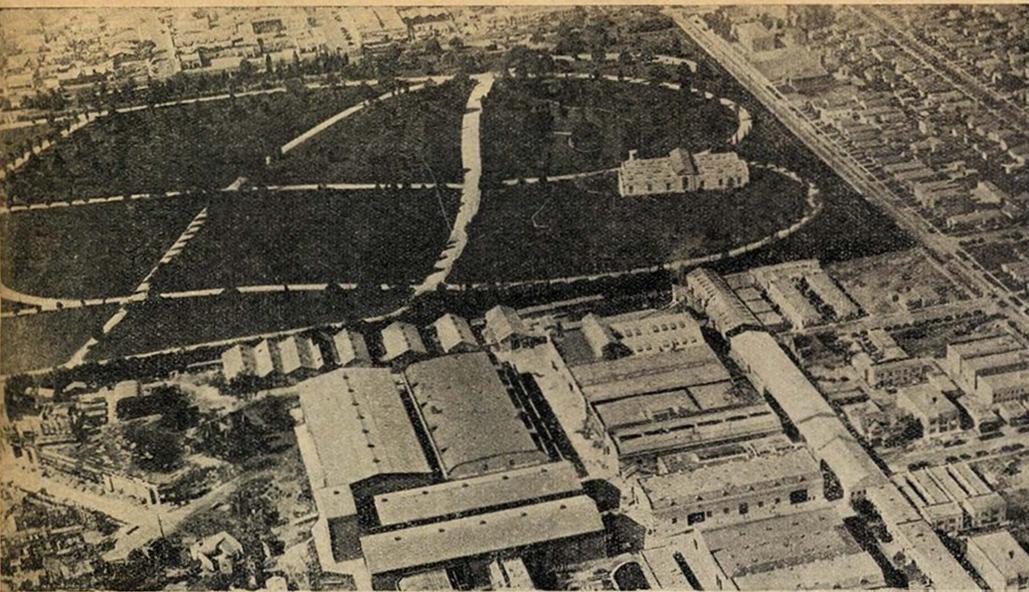


Um formidável  
espectáculo do  
"ANO MÁXIMO"

WARNER BAXTER.  
ANN LORING.  
MARGO.  
Realização de  
William Wellman

ARS GRATIA ARTIS  
Metro  
Goldwyn  
Mayer

O DIGNO  
SUCESSOR DE  
VIVA VILLA!



lizador consegue, quasi sem sair de casa.

\* \* \*

O primeiro dever do viajante que chega a Hollywood, por qualquer das multiplas estradas que aqui convergem, é subir os montes que, pelo Norte, dominam a cidade.

Olhai: lá em baixo, no sopé, está a cidade Movietone; á esquerda, mais longe, é o grande bairro dos hotéis, centro comercial e cosmopolita; a Metro fica do lado oposto na mesma direcção do grande aeroporto.

Viremo-nos para o Mar: lá longe, S. Mónica, praia das estrélas, areia dourada, mar calmo, graças á protecção da pequena península que avança pelo Pacifico dentro, e onde estão situados os campos de «polo» e de «golf». Ao largo, uma multidão de velas diz-nos quanto é estimado pelas estrélas o recreio e o desporto náutico. O «iate» de «panos» listrados de preto é da Clara Bow, e aquele que, no mastro grande, trouxe o galhardete azul, debrado a branco, foi o último vencedor do campionato anual.

\* \* \*

E agora, lá para baixo. Não é preciso nome de hotel porque todos são bons, e têm classes para todos os preços.

Consegue-se ficar confortavelmente instalado com 200\$00 semanais, o que em terra rica como esta, não é caro.

Serás servido com deferência que nem parece americana, atendido com toda a rapidez, mas (um bom conselho do teu guia) nunca indagues nada da vida das estrélas. Finge, pelo contrario, que as conheces a todas e quasi te considerarão como familia.

\* \* \*

Instalado o viajante, parece-me não errar se disser que o desejo n.º 1, é ver as «estrélas»... de cinema. Não julgues a tarefa muito difficil, atemorizado com as mil e uma lendas que te contaram.

As «estrélas» fazem vida como qualquer de nós, passeiam, tomam chá e costumam também andar a pé.

Apenas existe um local onde elas se não encontram, ou melhor, onde se encontram e não se podem ver — o «estúdio».

— Mas então o turista não pode visitar um «estúdio»?

— É impossivel.

E estou-me lembrando que um «estúdio» a fingir, museu, onde os figurantes desempregados fizessem papéis de realizadores, vedetas, etc..., era uma boa atracção em Hollywood, uma óptima applicação para o que sobrasse da tal sorte grande, ou supra-dita fabulosa herança.

De dia, podem-se ver as «estrélas» em férias, ou na praia S. Mónica, ou na esplanada do «Trocadero» onde a pobre Thelma Todd passou a última noite da sua vida. A partir da meia noite só entram neste club pessoas apresentadas á direcção por outros frequentadores habituais, quasi só artistas, grandes jogadores e «magnates» da industria. As tuas possibilidades estão, portanto, reduzidas.

Na hora do chá, facilmente verás todos os astros-miudos da Cinelândia: basta entrares no Bazar. Estão ali Shirley com os respectivos policiaes, Freddie e tantos outros que conheceis.

No «epolo», tens, todas as tardes, Clark Gable, Mirna Loy, Madge Evans e outros. Se tiveres «galas» no *Chinese Theatre*, aquele onde estão marecados os pés dos artistas célebres, não percas. Vai ver a entrada para o *Clower Club*: — se quizeres ver por dentro lembra-te que precisas, antes de mais nada, duma «conduite» de 12 cilindros em linha. Visita ainda o «Brown Derby» e o «Cocoanut Grove».

\* \* \*

Finalmente, se te ficou dinheiro para a passagem, embarca e volta. Aqui consegues ser pelo menos, tanto como os outros. Lá não conseguias ser nada...

FERNANDO GARCIA

# MANUAL DO PERFEITO VIAJANTE, EM HOLLYWOOD

**T**ODOS nós temos um sonho. Quere isto dizer que já todos nós pensamos na sorte grande, ou na morte de qualquer parente rico como nos romances, deixasse fabulosa maquia, pois é com maquias e, dum modo geral, fabulosas, que se concretizam sonhos.

Pensam estes num «iate», aqueles num «Rolls», uns na instalação de colossal industria, outros em maravilhosa viagem. A Imaginação, doída de volúpia, esquece-se a traçar itinerários, na fantasia de paisagens novas, novas côes, novos ceos, a folhear prometedores roteiros de maravilhas, sempre ambicionadas.

\* \* \*

E a sorte grande que não chega, a herança fabulosa que não vem! Talvez um dia — enquanto há vida há esperanças.

— Que itinerário escolheres então?

Se a vossa lêmpera cinéfila for rija, touco o aprêço pelos génios maravilhosos da tela, eu adivinho: — Quereis ir a Hollywood!

E não são as ondas calmas e azuis do Pacifico, as exóticas flores, de pinturas estranhas, que pintalgam a Califórnia, nem a paisagem cálida do México, nem a gracilidade revolteante e sensual da «rumbera» cubana, que vos chamam ao itinerário da América.

Primeiro, acima de tudo, há o desejo de cear na mesa pegada á da Crawford, de cruzar com o Wallace Beery na rua, de passar á porta do «bungalow», da Jean Harlow. Primeiro, acima de tudo, interessa-vos Hollywood.

\* \* \*

Precisais de ir avisados e ser cautelosos. Hollywood é um abismo, não pelo abriçlo das suas artérias — a cidade é pequena — mas pelas muitas sercias e outros perigos vulgares naquelas paragens.

Um leigo nada mais consegue do que tudir-se, esgotar-se e não ver os maiores atractivos do coração cinematográfico do mundo.

O aconselhável é um roteiro, guia que vos levará a toda a parte, dando in-

formações e aconselhando com experiência.

\* \* \*

Um guia — mesmo que seja inteligente — começa sempre por dizer, mais ou menos errada, a história do lugar. Hollywood, porém, não tem história, porque a sua confunde-se com a do cinema americano, já conhecida de todo o viajante-cinéfilo.

Fica situada a dez quilómetros da sua mãã, Los Angeles, onde estão todos os escritórios das grandes firmas e que, por sua vez, foi fundada em 1781 pelos nossos vizinhos espanhóis.

Exactamente nesta cidade é que se fizeram as primeiras filmagens, por volta de 1892, dirigidas por Muirbridge. Depois, o cinema afastou-se um pouco mais, dez quilómetros como já se disse,

e foi estabelecer-se nas costas do Pacifico.

\* \* \*

Antes de mais nada, convém ficar sabendo que Hollywood goza de privilégios muito especiais e nisto está, talvez, a razão da sua escolha para centro do cinema americano.

Com deito, o clima é verdadeiramente mediterrâneo, doce e sereno; um pouco para além de Los Angeles, vinte quilómetros mais ou menos de Hollywood, há deserto, areias vermelhas e escaldantes; ao sul, a braveza quasi tropical do México; ao norte, os pincaeos eternamente brancos da Serra Nevada.

Num só dia a câmara pode «dar volta ao mundo», nós podemos conhecer todos os climas, ver todos os tipos de paisagem, todos os exteriores que o rea-



A caminho do restaurante dos estúdios: Jack Holt, Spencer Tracy, Clark Gable e Ted Healy parecem felicissimos

# CHARLES BOYER

## IDOLO DAS MULHERES

EM virtude do título deste artigo, poderão depreender que Charles Boyer é um «galã» — no sentido depreciativo que tem actualmente esta palavra.

Para que essa impressão errônea seja abandonada, começo por afirmar categoricamente que Charles Boyer é hoje em dia, o primeiro actor do mundo no seu género. Veremos adiante algumas das razões que me levam a uma tal afirmação.

Mas o facto de ser um actor de categoria pouco vulgar — não só um dos primeiros galãs entre os primeiros — não impede que seja realmente o idolo das românticas do século XX, que congegum e procuram materializar um pouco, com as imagens projectadas na tela, os seus sonhos e as suas quimeras irrealizáveis.

Friso bastante esta nota, pois muitas vezes a palavra galã indica um desses honiotes da tela com bigodinhos incríveis e fatos esquisitamente amaneirados.

### Do palco para a tela

O teatro francês tem em Charles Boyer um dos actores mais sóbrios e mais cheios de recursos, sem nunca recorrer ao exagero e aos cordelinhos do teatro holorento que ainda se arrasta por tantos e tantos palcos de todo o mundo.

Foi no Gimmásio de Paris que interpretou para o teatro o primeiro papel importante da sua vida artística. Na peça de Henri Bernstein, «A galeria dos Espelhos», conseguiu triunfar e impôr-se definitivamente às elites francesas, apesar dos velhos moldes que serviram de fórmula ao dramaturgo de «O Ladrão» que a nossa actriz Lucília Simonês tanto tem interpretado.

Mas a calma de Charles Boyer — a sua calma violenta — consegue impôr-se de tal forma, que a plateia fica suspensa dos seus gestos, dos seus silêncios... e das suas frases. Charles Boyer tem no teatro um poder quasi magnético sobre as plateias.

Talvez isto lhe dê prazer e assim explicamos a sua obseção de represen-

tar em Paris todos os anos, interpretando autores franceses.

Jules Romains e Marcel Achard vêem nele um dos intérpretes mais adequados para as suas peças de super-humanismo.

E, reparem, a psicologia de Boyer coaduna-se perfeitamente com este género de teatro. O seu ar intelectual, os seus olhos doentivamente espirituais, traduzem o arrebatamento latino, em que a arte se conjuga com uma morbidez estranha.

Ao frisar este aspecto do protagonista da «Traição» é bom não esquecer que ele é formado em filosofia e que dedicava o seu melhor carinho ao estudo de Platão.

Antes de focarmos a entrada de Boyer para o cinema recordemos alguns episódios da sua vida de estudante em Figeal.

### Charles Boyer — estudante

Durante os preparativos universitários Charles Boyer manifestava uma paixão violenta pela vida artística. Mas já em pequeno dizia que queria ser:



ser actor. Estava-lhe na massa do sangue, por fatuidade.

### ...E depois o Cinema

O teatro fez incidir sobre ele a atenção da França.

Surgiu o sonoro. O timbre da sua voz chamou a atenção dos cineastas.

E de repente a versão francesa de «Big House» obriga toda a Europa a fixar-lhe o nome.

«Traição» impõe-lhe definitivamente a reputação de grande actor. Depois dos triunfos sucessivos na Europa — a América das «partenaires» de grande nomeada: Marlène, Hepburn, Claudette Colbert...

Os realizadores não conseguem tirar-lhe a personalidade. Nem Farkas na *Batalha*, nem Fritz Lang no interessantíssimo *Liliom*.

### A sua personalidade

Quão diferentes os papéis que tem interpretado. Na «Imperatriz e Eu» encarna aquele nobre elegante — aristocrata por indole — sempre atento às vênias e aos mil e um pormenores da etiqueta da corte e no «Liliom» o chulo, exageradamente másculo, que bate na apaixonada e deseja a «coquette».

Recordem-se da «Batalha» e comparem-na com a «Traição» e os «Mundos Íntimos»? Tam diferente do «Presídio»!

Charles Boyer não cristalizou numa só forma, sempre igual no conteúdo, que muitas vezes difere pelas habilidades do autor do argumento. As personagens que tem encarnado possuem temperamentos diferentes e sempre consegue triunfar e impôr-se pois o seu poder interpretativo tem inúmeras facetas.

(Conclui na pag. 14)



«actor ou detective». Detective porque lia muitos romances policiais e actor porque possuía realmente uma vocação que o tentava a dedicar-se exclusivamente à vida dos bastidores ou... dos estúdios.

Na universidade foi actor, autor e «metteur-en-scène», pois escreveu várias peças que representava com o auxilio dos colegas, que tinham pelo seu talento um verdadeiro culto.

Reiventou a guerra e os estudantes resolveram representar as peças de Charles Boyer nos hospitais, para distrair um pouco os convalescentes. E assim começaram os seus triunfos... os seus triunfos caridosos. Depois interpretou Molière, ainda a morte de Cyrano e o papel de Metternich...

Charles Boyer tinha realmente que



Frederich March e Katharine Hepburn, no último filme que interpretaram: *Mario da Escócia*

estrela é o exemplo do quanto o público aprecia a actuação das crianças no cinema. Atrás de Shirley, outras vão surgindo, polvilhando o firmamento cinematográfico de pequeninas estrelas, que às vezes nem por serem pequenas brilham com menos intensidade. E em Portugal? No filme de Jorge B. do Canto *Canção da Terra*, entra um pequeno que nos dizem possuidor de invulgares aptidões.

Oxalá assim seja. Seria talvez a maneira do nosso Cinema-Bêbê, começar a marear...

No Cinema, como no Teatro, os artistas não se medem aos palmos. Medem-se. — às palmas...

ANIBAL NAZARÉ

## Qual o filme de que mais gostou?

(Continuação da pag. 5)

Brook, William Powell e Gary Cooper. Opinião interessante, principalmente no que diz respeito a Powell.

**António Silva**

Num intervalo de cena, conseguimos, enfim, apanhá-lo, no Varietades.

Surgiu-nos com um velho par de botas pendurado ao pescoço e de penante à mosqueteiro.

Ao ouvir a pergunta da ordem, António Silva tossiu três vezes, coçou atrás da orelha esquerda, mas não se deu por vencido.

— Che, meu amigo, os filmes de que eu mais gostei não são propriamente desta época. Porém, impressionaram-me tão profundamente, que tudo esqueço ao recordá-los. Três filmes que me deliciaram e que jamais olvidarei:

*Canção de Lisboa*, *Pupilos do Senhor Reitor* e *Bocage*. Este último é uma antevisão, mas como o nosso século vive nos domínios da velocidade, eu ainda mais veloz serei, antecipando um formidável triunfo ao filme do poeta. Basta acrescentar que estes três filmes me entusiasmaram febrilmente... porque eu entro em qualquer deles.

Quanto a actores: Sim, menciono-lhe homens, por causa da minha esposa que é uma santa rapariga, a quem não quero dar desgostos.

Primeiramente, cito-lhe aquele rapaz António Silva, que tem muita habilidade. Depois, voto num actor, cujo nome não me recordo, que fazia o papel de alfaiate na *Canção de Lisboa*. É um portento! Um colosso! Para terceiro lugar, indico-lhe um pândego que entrava nas *Pupilas* e que interpretava a figura de João da Esquina. Não me lembro de nome dele. Tenho hoje a memória muito enfraquecida. Pois esse rapazito era uma maravilha! Grande actor...

Aqui tem os três filmes da minha preferência e os meus actores mais dilectos...

**Rosa Maria**

O telefone é realmente um bicho comido e obediente. Só tem um defeito. Não trabalhar sem se lhe dar com a manjar uma pastilha de cinquenta centavos.

— É a Rosa Maria?  
— Está hom? Que me quere?  
— ...  
— Ai, meu Deus! Eu já vi tantos!  
— Vamos, pense um bocadinho. Quais foram os três preferidos?  
— Bem, tome nota: *Nos mares de Chiva*, *Voando para o Rio* e *Os lanceiros da Índia*.

— Ah! Isso põnhá o Boyer à frente. E depois o Clark Gable e o Franchot Tone.

— Obrigado, até qualquer dia.  
— Adeus, sempre que quieral!...

\* \* \*

Estava terminada a segunda volta do nosso inquérito, com resultados bastante satisfatórios.

ANTÓNIO FEIO

# À MARGEM DO CINEMA

## O Cinema no Teatro

**A** NUNCIOU-SE, há tempos, para um dos nossos teatros, uma «revista-cinéfila». E, embora a primeira leitura, não se pudesse definir precisamente que isso fosse, o caso é que o facto despertou razoável interesse. Dias após a saída da primeira notícia sobre o assunto, explicava-se que a peça era «cinéfila» porque reinia no seu elenco grande número de artistas de cinema, porque no seu desenrolar perpassariam bastos motivos cinematográficos e até porque, a meio dela, seria passado um pequeno filme, que lhe dizia respeito. Passou tempo, a revista mudou de leatro, de título, de elenco, e parece ter perdido a maior parte das características que a notabilizavam como «revista cinéfila». E foi pena. Porque seria interessante reinir, num mesmo elenco os nossos artistas de cinema, a ver se assim, sem realizadores nem operadores a fita saía melhor...

## Um homem feliz

O arquimilionário norte-americano J. Rockefeller, que continua são e robusto, apesar dos seus 97 anos, é um assíduo leitor do *New York Times*.

Porém, para evitar a Rockefeller qualquer emoção forte, aquele jornal edita uma edição especial, exclusivamente para o milionário, onde nada se publica de guerras, crimes ou desastres! Rockefeller compra assim, todos os dias, por alguns centos de dólares, uma felicidade que o resto do mundo não

desfruta, e a família dá-lhe um hem-celar especialmente fabricado.

O pior é se Rockefeller se lembra um dia de ir ao Cinema. Porque então é preciso filmar, especialmente para ele, pelo menos os jornais de actualidades...

## Bocage

O Chefe do Estado assistiu, há dias, no Palácio de Queluz, às filmagens de algumas cenas de «Bocage», o novo filme de Leilão de Barros. O sr. General Carmona seguiu com vivo interesse os vários aspectos das tomadas de vistas e felicitou, no final, Leilão de Barros. O facto, pelo que representa de incentivo para o notável realizador português, merece ficar arquivado, o que gostosamente fazemos, certos como estamos de que «Bocage» será uma nova afirmação das excepcionais qualidades de Leilão de Barros.

## Opiniões...

Sempre que qualquer novo filme português surge na branqueira dos «ecrãs», temos oportunidade para constatar a existência de duas correntes de público. Uma, pronta a desculpar todas as deficiências, porque o filme é português. O som é mau? Que importa, se as poucas palavras que se ouvem são em português? Os artistas vão mal? Mas são portugueses!

A outra corrente de opinião, contrariamente, é exigente com os filmes da produção nacional, e não perdona, em fitas portuguesas, o menor defeito.

Qual das duas fações procede bem?

Quando a nós, deviam ambas rodear-se um pouco e encontrarem-se num ponto: — A observação calma, moderada, sem excessos de patriotismo nem exigências descabidas.

«No meio está a virtude»...

## Publicidade

Certo agente publicitário da Cinelândia, dizia, para demonstrar as excelências da publicidade: — Não há nada como anunciar! Calculem que, há dias, apareceu numa agência uma artista a pôr um anúncio nos jornais, por lhe ter desaparecido um cão. Pois ainda antes do anúncio sair, já o animal se tinha apresentado em casa!

## Telefone secreto

Uma artista não quis que o seu número de telefone viesse na lista, para evitar os exagérios afectivos dos seus admiradores.

Uma noite, queria por força ligar para casa, e tantas chamadas fez, que um cavalheiro que a acompanhava perguntou:

— Não funciona o telefone?  
— Não é isso. É que o meu telefone é tão secreto que nem vem na lista nem a mim me lembra o número!...

## Da mesma opinião

Exibia-se certo filme bastante aborrecido. A certa altura, a heroína dizia para o galã:

— Espero dois minutos! Não sou capaz de agüentar isto mais tempo!

E um espectador atallhou:

— Nem eu!

E, levantando-se, saiu ruídosamente.

## As crianças no Cinema

Shirley Temple, a pequenina grande

# OS NOSSOS FILMES

1793...  
Lucie Manette, que sempre julgara  
o pai falecido há muitos anos, sabe  
do seu notário que o Dr. Manette es-  
teve prisioneiro na Bastilha, durante  
8 anos... Fôra êle, notário, quem trou-  
xera Lucie e sua mãe para Inglaterra,  
quem levava agora a filha (a mãe fale-  
cera no entretanto) para França, em  
busca do pai. Na viagem de regresso a  
Inglaterra, já na companhia do tortu-  
rado Dr. Manette, travam conhecimento  
com o jovem Charles Darnay, sobrinho  
do Marquês de St. Evremonde, um dos  
mais cruéis e odiados senhores de  
França. Charles Darnay, amigo do povo  
dos simples, tinha renunciado ao seu  
título e aos direitos de nobreza.

\*  
\* \*

O velho marquês, receando que com



Prepara-se o revolta com ardor...



O marquês de Saint-Évremond omova Lucie



Todos os dias novos vítimas eram imolados  
à sanha dos algozes



# DUAS CIDADES

(A TALE OF TWO CITIES)

as suas ideias largas, o sobrinho len-  
tasse resluir os vastos domínios aos  
seus legítimos possuidores rurais, re-  
solve afastá-lo e, assim, com a ajuda de  
um celerado chamado Barsad, consegue  
comprometê-lo num caso de traição...  
Darnay é réu, e no julgamento é de-  
fendido por Stryer, que, com a ajuda de  
um transviado de bom coração, chama-  
do Sidney Carton, consegue provar a  
culpa de Barsad e a liberdade para  
Darnay.

\*  
\* \*

Lucie fôra chamada ao tribunal para  
testemunhar sobre a prisão de Darnay.  
E a amizade começada na viagem a  
Inglaterra floresce rapidamente num  
amor intenso e puro. Carton, o trans-  
viado, também se apaixona pela gentil  
Lucie. Mas, quando sabe que esta está  
noiva de Darnay, não se revolta, pois  
compreende bem a grande diferença  
que existe entre ambos. De resto êle vê  
em Darnay, com admiração, o homem  
que êle poderia ter sido. Uma amizade  
profunda reúne-os três, Darnay, Lucie  
e Carton.

\*  
\* \*

Entretanto em França a Revolução

alastrava. O marquês de St. Evremonde  
foi morto pelos aldeões revoltados,  
quando com a sua carruagem esmagava  
um filho dum camponês. Este crime  
serviu de rastilho intenso para a propa-  
gação da revolta. A Bastilha, a prisão  
célebre, é assaltada pelo povo. Os pres-  
os são restituídos à liberdade. E na  
cela, outrora ocupada pelo Dr. Manette,  
encontra-se um estudo genealógico pro-  
vando a legitimidade de Darnay, sobre  
o título de marquês de St. Evremonde.

\*  
\* \*

Madame de Farge, mulher de um ta-  
berneiro, que auxiliara a liberdade do  
Dr. Manette, jura a morte do aristocrata.  
A-fim-de o conseguirem em França  
prendem o velho tutor, ao qual obri-  
gam, pela tortura, a escrever uma carta  
a Darnay, pedindo-lhe que venha auxi-  
liá-lo. E Charles acode pressuroso ao  
apêlo.

\*  
\* \*

O Dr. Manette, que compreende o  
grande perigo que Charles corre, vem  
também a França, acompanhado de  
Lucie, pois julga que os seus longos  
anos de tortura serão garantia bastante

junto dos revolucionários para livrar  
Darnay. Encontram Charles na prisão.  
O Dr. Manette defende-o com calor, e  
teria obtido a liberdade para o seu  
amigo, se Madame La Farge não tivesse  
apresentado o documento em que o pró-  
prio Dr. Manette acusava os Evremonde.  
Então Charles Darnay é condenado à  
morte, como tantos outros nobres.

\*  
\* \*

Carton também estava em Paris, na  
sua vida errante e inútil. Continuava a  
amar Lucie. Sabedor do desgosto sofrido,  
consegue ligar-se com Barsad, que  
tinha entrada livre nas prisões atulha-  
das de nobres. E, uma vez na cela de  
Darnay, troca com êste as vestes e fica  
em seu lugar.

\*  
\* \*

Lucie, que recebera licença para vi-  
sitar o seu marido, fica surpreendida  
ao encontrar Carton em lugar de Dar-  
nay. Mas êste explica-lhe com um triste  
sorriso que é feliz em se sacrificar  
assim pela mulher que ama, e que será  
esta a única acção verdadeiramente útil  
da sua vida.

**A Metro  
Goldwyn  
Mayer**

apresentará  
em breve



Uma  
super-produção  
de grande classe

William  
**POWELL**  
em  
*Escapada*  
com  
**LUISE RAINER**  
recomendados por



FRANK MORGAN • VIRGINIA BRUCE  
REGINALD OWEN • MADY CHRISTIANS

Metro-Goldwyn-Mayer  
Realização de ROBERT Z. LEONARD

**CHARLES BOYER**

(Conclusão da pag. 11)

Charles Boyer — Clark Gable

É freqüente anteporem Clark Gable a Charles Boyer. Julgam porventura que o protagonista de «Meyerlings» receia o antagonista? Reparem que Clark Gable é um actor de grande categoria e de imenso talento mas as personagens que sempre interpreta são a eterna história do homem pseudo-bruto que finge não ligar importância à mulher que vive nas proximidades e só ambiciona cumprir o dever e triunfar na vida... e as variantes da praxe. Umaz vezes na China, outras na redacção dum jornal, bem analisadas as coisas a psicologia é sempre a mesma. Não quero com isto negar o valor do fantástico intérprete de *Uma noite acnoleceu*, mas parece-me bem que todos concordam que possui menos recursos do que Charles Boyer. Talvez

tenha, por vezes, mais à vontade — não digo naturalidade — do que o actor europeu; e isto tem, no cinema, grande importância.

**A opinião duma rapariga desconhecida**

Certa rapariga bonita e esperta, minha amiga confidencial, teve em certa conversa recente uma observação exacta sobre os dois grandes actores em questão.

«O Clark Gable é o marido que ambicionamos ao recordar calmamente as nossas cenas de esterismo. Ele saberia dar-nos, nessa altura, uma bofetada muito a propósito e de maneira tam calivante que nos apetezia beijá-lo. Charles Boyer é o marido que desejamos pelo raciocínio e pelo instinto... o

que é muito diferente e muito superior».

...e duma actriz conhecidíssima

Parece-me que a rapariguinha não observou mal os dois actores; o bruto que cativa e o calmo insinuante.

Mas Beatriz Costa, a insubstituível Beatriz dos palcos de «vista, teve uma vez em amena conversa certa frase pi-carezca e cheia de saior. Falava-se de teatro, de cinema, de actores e de actores. As tantas vem à baila o nome de Charles Boyer e Beatriz Costa, num ímpeto de sinceridade diz com os olhos semi-cerrados:

— «Ai filhos, o Chrlies Boyer!».

O que esta frase suspirada significa, só as mulheres o poderão compreender.

TAVARIS FERNANDES

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SEIOS, VENTRE, VARIZES, Emagrecimento racional e correcção de defeitos estéticos com produtos e tratamentos sob a direcção médica no

Academia Científica de Beleza  
Avenida da Liberdade, 35  
TELEFONE 2 1866  
LISBOA



**Eu Perdia a Afeição  
de Meu Marido**



Ele começava a ocupar-se tanto com uma loira possuidora duma tez esplêndida que eu, confesso-o, tornei-me te-rivelmente ciumenta. Em seguida, pu-me a estudar a razão da atracção dess-mulher. O seu nariz não brilhava nunca. — O rosto estava sempre muito fresco e encantador, mesmo dançan-do toda a noite numa sala de baile aquecida. Enfim, um célebre especialista de beleza revelou-me o seu segredo. — E misturava simplesmente um pouco de «Mousse de Crèmes» no pó de arroz. Este magnifico ingrediente faz aderir o pó à pele, mesmo quando faz vento o quando o dia está chuvoso, e a-pesar-de transpiração. Com grande alegria minha, depois da primeira experiência, meu marido disse: «Estás bonita, hoje. Agora o meu rosto fresco e encantado faz a admiração do meu marido e inveja de todas as minhas amigas.

NOTA: — Os direitos exclusivos de emprégo desta surpreendente descoberta da «mousse de crèmes», foram adquiridos por Tokalon, por uma enorme quantia. Misturada ao Pó Tokalon, segundo um processo secreto, age verdadeiramente como um tónico e torna a pele naturalmente bela em vez de cobrir simplesmente. Suprime, para sempre, todo o vestígio do luzidio, e de rostos maravilhosos, nunca até hoje vistos.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

**CINE-JORNAL**  
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO  
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27

Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

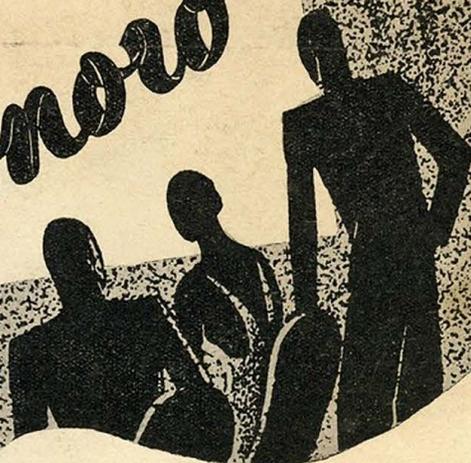
Trav. da Condesa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano .....	4800
25 " 6 meses .....	2400
12 " 3 meses .....	1200
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano .....	6500

# Philips Cinee Sonoro



Cinemas equipados em Portugal,  
com Instalações

## PHILISONOR

Caruche: Joaquim Aleixo de Carvalho.  
Portalegre: Teatro Portalegrense.  
Costela Branco: Teatro Voz Preto.  
Póvoa: Cinema Rivoli.  
Fundão: Casino Fundanense.  
Tórres Novas: Teatro Virgínia.  
Guarda: Sonatório Sousa Martins.  
Setúbal: Casino Popular.  
Reguengos de Monsaraz: Salão Liberdade.  
Marinho Grande: Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários.  
Abrantes: Eden Solão.  
Almeirim: Associação Recreativa.  
Setúbal: Associação dos Bombeiros Voluntários.  
Tavira: Espectáculo Tovirense.  
Silves: Empresa Cinematográfica Silvesense.  
Sines: Vasco do Gomo.  
Campo Maior: Soc. Comp. de Espectáculos.  
Moura: Esplanado da Assistência Nacional aos Tuberculosos.  
Oliveira de Azeméis: Antero & Pinto.  
Elvos: Cinema Central.

Vila Real de Santo António: Cine Parque S. José.

Olhão: Empresa do Teatro Apolo.  
Ferreiro do Alentejo: João Lopes Vilheno.

Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional.

Vila Viçosa: Municipal.  
Nazaré: Cinema Nazaré.

Pombal: Ernesto Martins.  
Famalicão: Teatro Olimpia.

Montijo: Relógio, Ribeiro, Gil, L.<sup>da</sup>.  
Famalicão: M. Coetana da Silva.

Vizela: Alberto Pinto de Sousa e Castro.  
Seixal: Angelo Rodrigues Volgodre.

Olhão: João Lopes Vilheno.  
Évora: Cinema Central.

Mértola: Câmara Municipal.  
Santiago de Cacém: Sociedade Hormónica.

Lisboa: Alvaro Mendonça.  
Lisboa: Cinemas Reunidos.

Bragança: Geraldo da Assunção.  
S. Brox de Alportel: Parceria — Pinto, Ferreira & Pinto.

PEÇAM INFORMAÇÕES À

**Sociedade Comercial Philips Portuguesa**

Avenida da Liberdade, 3  
LISBOA

Avenida dos Aliados, 151  
PORTO

# CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 37 — 29 DE JUNHO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



**“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA**